



CPR - Armada
ANS

CPR - ARMADA da ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS



COMUNICADO

NAVEGANDO EM APARENTE CALMARIA

Nº: 1 / 2003
Data: 15 Dez

Por vezes, no mar, encontramos-nos em situações sem enxergar outra coisa que não seja mar e mais mar, em que só os instrumentos náuticos e a confiança em quem os utiliza no permitem continuar e acreditar que alcançaremos o porto de abrigo para onde nos dirigimos. Umhas vezes acresce a esta dificuldade o mau tempo, a impetuosidade das ondas impelidas por fortes ventos cruzados que sacodem toda a estrutura do navio da proa à popa e de bombordo a estibordo, estimulando os vômitos do mais recôndito do nosso ser. Outras navegamos em tempo de calmaria, permitindo o descanso e a descontração, confiantes no rumo e na certeza de alcançarmos o porto desejado.

Nas coisas da vida e dos marinheiros também assim acontece. Na maioria das vezes navegamos à vista sem tempo nem disposição para exercícios de prospecção, de nos alcandorarmos no alto do presente, sobre a experiência do passado e antevermos o futuro.

O momento que atravessamos é um desses momentos de aparente calmaria mas em que navegamos no mar alto sem referências de terra, com mar pela proa e ventos inconstantes que ora nos sacodem pela amura, ora nos adornam pela alheta. É nestes momentos que o espírito de equipa, a sua unidade, a confiança que depositamos em cada um de nós e no conjunto é decisiva para vencermos com o mínimo de dificuldades as agruras do mar.

Estamos num momento em que aqueles que à custa de acordos como o da LPM, que no primeiro momento rasgaram e substituíram por outra mão cheia de promessas vazias de conteúdo, têm conseguido manter a expectativa de que os nossos problemas iriam finalmente ser resolvidos e, com isso, provocar hesitações no nosso seio. Mas neste caso como em muitos outros antecedentes, se cruzarmos os braços à espera que um anjo milagreiro venha resolve-los, corremos o risco de os ver mais uma vez adiados remetidos para as calendas portuguesas.

Infelizmente, tanto a experiência antecedente como os sinais actuais não nos permitem gozar da calmaria; antes pelo contrário deve impelir-nos a prosseguir a cerrarmos fileiras e a lutar com novo ânimo pelos nossos direitos e pelos das nossas famílias.

Tal como sucedeu aquando da aquisição das fragatas da classe Vasco da Gama, também agora na implementação das novas classes de sargentos e praças da Armada e do novo Sistema de Formação da Armada as coisas parecem ficar pelas boas intenções e pelas palavras bonitas e esperançosas dos discursos e pelo amargo de boca da prática quotidiana.

Ontem dizia-se que as novas fragatas viriam revolucionar a Armada também ao nível das carreiras e da vivência de bordo – verificou-se que, afinal, nem sequer ao nível tecnológico as coisas foram devidamente acauteladas, uma vez que, por poupança de merceeiro, não foram adquiridos equipamentos de análise e teste necessários a garantir, inclusivamente a manutenção atempada, foram tirar cursos ao estrangeiro pessoas que passados seis meses de regressarem passaram à reserva ou à aposentação, outros nunca foram chamados a exercer e a aplicar os conhecimentos adquiridos, para não falar das peripécias que em quase todas as missões desde a primeira guarnição da Vasco da Gama até ao último comando se têm verificado, negando aquelas expectativas e provando que *“tudo está como dantes no quartel general em Abrantes”*.

É na mesma lógica que devem ser entendidos os sinais que vêm desta nova alteração estrutural da Armada no seu Sistema de Formação e na implementação das novas classes de sargentos e praças.

Continua sem se saber como irão ser as regras de integração das velhas classes, já em extinção, nos quadros existentes das novas classes, nem como irão ser acautelados os direitos e as expectativas de quem já ingressou nas classes com as regras de admissão e as carreiras moldadas de outro modo. Não se sabe, mas antevê-se, como irão ser atribuídas as novas funções aos elementos que, integrando as novas classes têm a formação adquirida nos moldes anteriores. Sabe-se pelos dados disponíveis que, afinal e contrariando promessas anteriores, as vagas dos quadros de oficial OT e de SE não reverterão para cargos e vagas nos postos de sargento superior dos diversos quadros, prejudicando duplamente as classes de sargento e praça sem qualquer compensação – veja-se o que se passa por exemplo na nova estrutura da ETNA (que virá substituir os G1 e G2) em que não são garantidos cargos para os sargentos superiores em número e compatibilidade que seria de esperar se as expectativas anunciadas, de esta seria uma nova estrutura para dignificar e qualificar os elementos da Marinha; não será certamente por este caminho.

O mar está encapelado e não se enxerga terra, mas uma certeza nos deve continuar a animar: só com luta conseguimos o pouco (ou muito! consoante a perspectiva) que temos, só com a luta pela Dignificação da classe de sargentos, dos militares, das Forças Armadas e da Marinha, em unidade e sem desfalecimentos nem hesitações conseguiremos alcançar tudo o que almejamos para as nossas carreiras, para nós e para as nossas famílias.

As jornadas do passado mês de Novembro são disso um bom indicador e é esse o rumo que teremos de prosseguir. Mais de 150 camaradas fardados na Assembleia da República, cerca de 90% de faltas à refeição em todo o País incomodaram quem deve decidir, mas só promete, empata e não decide e demonstraram que os sargentos não ameaçam, antes agem sempre que os seus direitos de carreira e de cidadania são postos em causa.

No novo ano que se avizinha teremos de iniciar, mais uma vez com as comemorações do 31 de Janeiro, evocando o passado honroso dos sargentos do Porto e demonstrando que continuamos unidos e não abdicamos de lutar pela Dignificação da classe de Sargentos e das Forças Armadas.

Mas o ano que aí vem, curiosamente é também o 30º aniversário do 25 de Abril de 1974 e vai ocorrer num momento em que, a partir de mais uma revisão constitucional pretendem anulá-lo da Constituição da República Portuguesa (CRP).

Será ainda um ano em que se pretende dar mais um golpe na soberania nacional, com a Constituição Europeia, negociada em gabinetes bruxelenses sem que os povos tenham sido chamados a pronunciar-se. Também aqui verificamos há muitos anos que não é pelo facto de sermos incluídos em forças multinacionais e pertencermos ao mesmo espaço económico que as diferenças abismais nos vencimentos, nas carreiras e nos direitos de cidadania melhoram, por vezes, antes pelo contrário.

Na certeza de que neste período festivo, propenso à reflexão e em que estamos mais sensíveis aos problemas que afectam as nossas famílias, vamos aproveitar para retemperar forças, meditar sobre a forma como iremos enfrentar mais estes problemas e, unidos como um só, escolhermos colectivamente o rumo para vencermos estes temporais que se advinham, endereçamos a todos os melhores votos de Bom Natal e de um Feliz Ano Novo!

Para já o 31 de Janeiro espera por nós com força e unidade!

A CPR – ARMADA

Lisboa, 15 de Dezembro de 2003

